

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FORMAN, Shepard Lewis. Shepard Lewis Forman (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 13min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Shepard Lewis Forman
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2015

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 01/09/2011 a 01/09/2011

Duração: 2h 13min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Amazônia; América Latina; Anos 1960; Bolsa de estudo; Ciências sociais; Cooperação internacional; Ditadura; Economia; Elites; Estados Unidos da América; Exílio; Família; Formação acadêmica; Formação profissional; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intelectuais; Investimento privado; Movimentos sociais; Museu Nacional; Organização das Nações Unidas; Política; Programas sociais; Regime militar; Relações internacionais; Rússia; Saúde pública; Universidade da Bahia; Universidade de Columbia;

Sumário

Arquivo 1: Breve observação sobre a família e a criação nos Estados Unidos; comentários sobre a graduação e o mestrado em Língua e Literatura Espanhola; a bolsa de estudos da Fullbright e a vinda para o Brasil; o convite para estudar na Universidade na Columbia University; considerações acerca da pesquisa de doutorado sobre economia em pesca de jangada realizado no Brasil; o convite, em 1976, para trabalhar na área de desenvolvimento rural da Fundação Ford; considerações sobre a reputação capitalista da Fundação e análise sobre o cenário cultural na década de 1960 nos Estados Unidos: comentários sobre os integrantes do board of directors (conselho de diretores); o conflito entre o posicionamento dos grupos internacionais e a sede americana da Fundação Ford frente aos movimentos sociais do período; comentários sobre o funcionamento e constituição do board of directors na presidência de McGeorge Bundy e as mudanças no direcionamento da Fundação; breve panorama sobre as diferentes políticas da Fundação praticadas nos escritórios internacionais e sua conciliação com as questões políticas de cada país; observação sobre os investimentos da Fundação Ford na área das Ciências Sociais e seu interesse de conhecer a política e a economia na América Latina; a importância do apoio da Fundação Ford aos cientistas políticos e intelectuais no período da ditadura no Brasil; o processo de distribuição de bolsas da Fundação Ford; menção ao trabalho acadêmico desenvolvido no Museu Nacional e no IUPERJ; comentário sobre a relação entre o governo e a Fundação Ford nos países sob o regime de ditadura.

Arquivo 2: Comentários sobre as bolsas acadêmicas dadas pela Fundação Ford: projetos de apoio a exilados, à produção do livro Memórias do exílio; breve comentário sobre o retorno dos jovens exilados ao Brasil; a imagem do Brasil e do escritório brasileiro na sede americana em Nova Iorque; breve opinião sobre o fechamento de escritórios internacionais e a possibilidade de nacionalizar os projetos da Fundação Ford no Brasil; as diferentes questões que dificultariam a implementação de investimentos e pesquisas na Amazônia; o debate em torno da perpetuação do legado da Fundação: a formação de elites, a renovação de projetos e objetivos; a reformulação do programa de relações internacionais: a dificuldade em contar com a cooperação internacional e aliança com a Organização das Nações Unidas, pesquisa de falhas na cooperação internacional e a criação de um projeto na Fundação Ford; considerações sobre o Centro de Cooperação Internacional - CIC na New York University: a criação do projeto, o funcionamento e transformação em instituição; considerações sobre o “Projeto sobre Cortes e Tribunais Internacionais” e os resultados da publicação do livro “Good Intentions” sobre cooperação internacional; a instalação e o funcionamento da sede da Fundação Ford da Rússia; breve observação sobre o papel da Fundação Ford no bicentenário da constituição dos Estados Unidos.

Arquivo 3: Comentários sobre os programas assumidos pelo entrevistado nos anos 1980 e 1981 na Fundação Ford no contexto de mudança da presidência da Fundação; breve menção à política da empresa no período de epidemia de AIDS nos anos 1980 nos Estados Unidos: o envolvimento da Fundação nas questões de saúde pública e a influência sobre outras fundações e instituições; considerações finais sobre o depoimento.

Entrevista: 01/09/2011

H.A. – Shepard, vamos começar, então, um pouco com a sua história, suas origens. Falar um pouco da sua família mesmo...

S.F. – Bom, eu sou primeira geração americano. Meus pais... Meu pai é de família de origem judia de Lavia. A família de minha mãe é da Ucrânia também de origem judaica. As famílias vieram para os Estados Unidos, para Boston, mais ou menos na época de 1904, 1905. Fui criado em Boston, em uma família bem de classe média, cuja primeira ocupação foi educar os filhos e entrosar na vida americana. Eram muito assimiladores, meu nome Shepard Forman, não tem nada a ver com a origem judaico-europeus, fui educado em uma escola pública, na época em Brockton, Massachusetts. Embora a família morasse nas margens da cidade e da sociedade, na época era a cidade mais rica dos Estados Unidos, a povoação mais rica – subúrbio. Então, o sistema escolar foi um dos melhores do país. Me formei lá em 1955 e fiz faculdade em Brandon University, que foi uma instituição mais ou menos nova, criada em 1948 para acomodar estudantes judeus-americanos de bom nível que por causa das cotas negativas não conseguiram lugares nas primeiras universidades do país, que todos tinham cotas exclusivas. De fato, quando eu estava sendo criado em Brockton, ainda existia lá o que chamava de “leis restritivas” em que indo para a escola eu passava em prédio de apartamentos que falavam na própria porta: “No jews allowed”. Meu pai que trabalhava para a cidade, saía do ponto do trabalho dele, em frente tinha uma coisa – tão exclusiva que nem tinha nome – era chamado de *The Country Club*, como no Country aqui em Ipanema, e também no portão falava: “No jews, no dogs”. Então, era uma coisa interessante, em um momento progressista do país, esse sentimento de ser forasteiro. Eu acho que isso me marcou profundamente e influenciou muito a minha escolha de carreira, que sempre me interessava para a história e a diferença entre os povos, que na época não sabia que era antropologia, aprendi isso aqui. Me formei em Língua e Literatura Espanhola, por quê? Eu tinha me interessado na Inquisição na Espanha e em Portugal e querendo poder ler na língua, acabei... No último quando fui forçado afinal escolher um *major* que ainda não tinha decidido qual era o material que eu queria prosseguir, o maior número de

coisas que eu tinha tomado foi na literatura e língua espanhola. [riso] Então era o mais fácil de me formar. Aí, eu queria muito sair daquele ambiente. Me formei e fui logo, com 22 anos, para Nova Iorque e comecei trabalhar na indústria de publicação, editoras em Madison Avenue e não gostei muito, não era a minha praia vamos dizer. E estudando de noite, em New York University, onde eu ia fazer Letras e Literatura em espanhol e italiano.

H.A. – Uma nova graduação?

S.F. – Essa era uma pós-graduação, mestrado. Isso em uma época muito interessante nos Estados Unidos. Na expansão global dos Estados Unidos, após a Guerra Mundial, foi percebido, que por motivos de segurança, precisava de pessoas treinadas em línguas e culturas, histórias de diversas partes do mundo. Algumas estudadas e algumas negligenciadas... Eu não perguntei se vocês preferem em inglês ou continuamos em português.

H.A. – A gente prefere em português claro, facilita inclusive o trabalho pós.

S.F. – Tá... Entre os quais o português e o Brasil. Então, criaram bolsas de estudos, era chamada *National Foreign Language Defense Act* e foi o começo de estudos que são conhecidos nos Estados Unidos como *Area Studies*, estudos das regiões. Me falaram, que se eu mudar ou de espanhol ou de italiano para o português eu poderia ter uma bolsa completa, estudar de graça inclusive com a manutenção. Foi uma decisão muito fácil.

L.O. – [riso] Isso foi quando?

S.F. – Isso foi em 1960-61, dois anos de mestrado. Totalmente pagos, nunca vivi com total liberdade financeira na minha vida. [risos] E em Greenwich Village foi uma época maravilhosa e a época em que eu conheci minha esposa que era jornalista brasileira também passando um tempo na New York University, chamada Leona Shluger – que também era de origem russo-judia, embora nascido na China. Nos conhecemos em Greenwich Village, em um café, e nos casamos sete anos depois. Pois bem, eu

continuava com meu interesse no programa de português, porque tinham poucos professores de português, a língua. Então as aulas foram dadas por pessoas da área de história e literatura. Tinha um professor que ensinava espanhol, mas as pesquisas, o interesse dele era na área de poemas, literatura medieval. E ele deu um curso sobre cantos de amor do século XIV que foi minha primeira introdução ao português e quando eu cheguei aqui, um ano depois, eu estava falando uma linguagem muito particular que provavelmente ofendeu muitas pessoas. [risos] Mas tudo bem. Enquanto lendo essas poesias e literatura na época, eu encontrei um poema longo, épico sobre um cara chamado José de Castro. José de Castro era um judeu-português que, em mil quatrocentos e não sei o quê, foi entre os conversos levado para a Holanda com os pais onde... É muito estranha a história, ele estudou com Espinosa, mas também se converteu ao catolicismo. Depois da invasão dos holandeses no nordeste, ele, por algum motivo, voltou. Estava no Recife com 21 anos de idade e cruzou a fronteira para a Bahia ou em comércio ou como espião, ninguém sabe. Foi preso, foi mandado para Portugal para a Inquisição onde ele só precisava abjurar a fé e dizer: “Fui batizado, não sou mais judeu”. Ele se recusou, declarou-se como judeu e foi queimado com 21 anos de idade. Eu fiquei muito empolgado com essa história. Eu queria fazer meu mestrado traduzindo o texto de Inquisição que ainda existe e interpretando-a. Nem no Departamento de História e nem no Departamento de Literatura no NYU¹ permitiu dizendo que não cabia dentro de nem uma nem outra disciplina. Isso em 1961, não é? Eram outros tempos. Então eu acabei fazendo uma tese de mestrado muito simples, rápida. Eu escrevi em duas semanas, de raiva, sobre a história dos judeus na invasão holandesa. Só para tirar o título. Aí recebi uma bolsa do Fullbright para vir para o Brasil. Passei um mês no Rio de Janeiro, cheguei aqui, estávamos hospedados no Hotel Luxor lá no posto 5. Me lembro abrindo aquelas portas, vendo essa praia, essa vista dizendo: “um dia eu vou morar aqui”, e estamos morando no posto 6 na praia. Eu resolvi continuar com história e a bolsa era para fazer um relatório sobre um movimento sindicalista em São Paulo na década de 1930. Passei um mês no Rio sendo orientado, passei 3 meses em Porto Alegre aprendendo português e depois fui para São Paulo. Entrei em um arquivo no subsolo de um prédio, cheio de poeira. Comecei a abrir aqueles documentos, não agüentei e sai, fui viajar pelo país. Passei um mês viajando pelo nordeste, Amazonas. Naquela época você

¹ New York University

podia viajar gratuitamente em qualquer transporte público, inclusive os aviões da Petrobrás e FAB, se era estudante. Então eu viajei de graça um mês pelo país. Voltei para o Rio... Me pare quando eu estiver falando demais. O então diretor Túlio de Souza me chamou perguntando por onde eu andava, eu falei para ele e ele disse: “Olha, você é um vagabundo, um malandro. Não vai ficar, você vai embora”. Eu saí, fui tomar um chopp em um bar em Copacabana muito deprimido quando entrou um professor americano de antropologia, muito famoso aqui, chamado Charles Wagley, com quem eu tinha tomado um curso em NYU. Charles Wagley entrou e perguntou: “Por que você está aqui, sentado no bar, em Copacabana, meio dia, nesse dia tão bonito?”. Eu não tive coragem, como estudante dele, de perguntar o que *ele* estava fazendo no bar. Depois eu aprendi que eu ele acabou de perder um filho dele e ele tinha razão de ser deprimido mesmo. Aí começamos a falar e eu disse: “Olha, o Túlio de Souza está me mandando embora, diz que eu sou um vagabundo e malandro” e o Wagley maravilhoso como era disse: “Olha, faço maravilhosos antropólogos. Eu preciso de um assistente, venha comigo para Bahia, você vai estudar com Thales de Azevedo na Universidade da Bahia e vamos sanar tudo isso”. E aconteceu, passei seis meses com ele e com a mulher dele, dona Cecília, no nordeste. Tive um contato muito próximo com as ligas camponesas na época, que também me influenciou o que fiz depois na Fundação. Fiz amizades profundas, que duram até hoje, com organizadores das ligas. Tive uns episódios muito problemáticos, na época, com a política brasileira, sindicatos, mortes, fazendeiros, etc e tal.

L.O. – Isso tudo era antes de 1964?

S.F. – Isso foi em 61, antes de 64, mas vamos chegar lá. Aí, foi uma época uma maravilhosa, passei esse tempo na Bahia estudando com doutor Thales que era uma pessoa maravilhosa. Ainda tenho contato com o filho dele que mora no Rio, grande amigo que eu conheci o menino quando ele estava com sete anos de idade. E me interessei na antropologia. Ao final de seis meses, Wagley estava de volta no Brasil e me perguntou o que eu queria fazer da minha vida – ele virou quase um pai para mim. Eu disse: “Olha, eu não sei bem. Eu acho antropologia interessante etc e tal, mas eu preciso pensar”. Ele disse: “Olha, se você resolver que quer estudar antropologia, venha estudar comigo na Columbia University. Seria um grande prazer”. Então eu saí daqui e

foi para o México. Passei seis semanas no México e pensando nas diferenças, realmente eu resolvi que eu queria estudar antropologia e fui para Nova Iorque no final de agosto. As aulas começaram na primeira semana de setembro. Liguei para o Wagley e disse: “Olha, eu vou estudar com você” e ele disse: “Olha, você não foi aceito ainda”. Então, eu, muito familiar com ele, disse: “Faz um jeito”. [riso] Ele pediu uma carta, documentação que eu mandei. Dois dias depois ele ligou dizendo: “Olha, você está aceito”. Eu disse: “Ah, tudo bem. Mas eu tenho um problema”. Ele disse: “Qual é?”. Eu disse: “Eu estou liso, eu não tenho nenhum centavo para pagar a faculdade, matrícula e nem viver”. Ele disse: “Você é muito difícil, mas me dá alguns dias”. Em três dias depois... Tinha um magazine, em Nova Iorque, na época chamada Korvettes e dois dias depois ele me ligou e disse: “Parabéns, você é o primeiro bolsista do Korvettes em Columbia University”. E fiz o Ph. D. com ele. Agora, quatro coisas curiosas que não tem nada a ver com o Brasil, mas vou contar rapidamente. Quando eu estava fazendo graduação em um dos cursos de língua espanhola, o professor James Duffy, que era historiador de África Portuguesa, de colonialismo, - mas ninguém ensinava essa matéria na época, então ele ganhava a vida ensinando espanhol -, mas ele estava escrevendo um livro que ficou muito famoso, bem usado, chamado “África Portuguesa”. Enquanto estava escrevendo esse livro ele pediu a um grupo de alunos da aula dele para fazer pesquisas comparativas em outras áreas de colonialismo. Eu literalmente puxei o canudo curto e peguei Timor Leste. E na época tinha tão poucos escritos sobre o Timor Leste, eu não controlava o português, certamente não o português medieval em que os “f”s eram “h”s. Então foi muito difícil eu conseguir informação sobre o Timor Leste e eu dei umas notas para ele, nem dei um relatório. Mas foi meu primeiro encontro com a ideia de colonialismo, com a ideia de pessoas indígenas, com as ideias de direitos humanos, desenvolvimento. Então, quando estava na época de fazer o doutorado na Columbia, eu pedi aos portugueses permissão para fazer uma pesquisa com um grupo indígena no Timor Leste. Foi negado. E Wagley me aconselhou, ele disse: “Olha, você já passou tempo no Brasil”... Eu também tinha vindo, em um verão, em um programa de estudo de campo para graduados em Antropologia que era de Columbia, Havard, Cornell e Illinois e eu vim como assistente. Então, eu conhecia o nordeste um pouco do tempo do Wagley, ele disse: “Olha, volta para o Brasil. Faz seu doutorado e em outra época você vai para o Timor Leste” – que eu fui dez anos depois. Aí fiz o doutorado aqui sobre a economia de pesca de jangada, mas o tema de pesquisa foi a mesma coisa

que me interessava desde criança, isso era: como um povo marginalizado entra na vida política, econômica, cultural, nacional. Então, se fosse uma povoação de quilombos ou de pescadores, não fazia diferença. Mas eu fui para Alagoas, passei um ano e meio em uma povoação em Alagoas fazendo pesca de jangada que foi maravilhoso. Fiz um livro que foi publicado, mas também fiz muita pesquisa sobre o campesinato no Brasil, a história do campesinato e a emergência deles que também é um livro publicado aqui. É aí que entra a Fundação Ford. Eu tinha voltado do Timor Leste e estava ensinando na Universidade de Michigan. Já um pouco cansado de ensinar, querendo fazer uma outra coisa da minha vida, quando tocou o telefone de um vice-presidente da Fundação Ford chamado Bill Carmichael, homem maravilhoso que vocês também devem entrevistar sobre a história da Fundação aqui no Brasil. Realmente foi Bill [Carmichael] que abriu o caminho para a Fundação trabalhar na área de direitos humanos e sociedade civil, pessoa maravilhosa. Ele vem para cá de vez enquanto, você deve entrar em contato e pegar ele quando estiver aqui. Ele ligou para mim dizendo que tinha lido esse livro que eu escrevi, que a Fundação estava procurando alguém para trabalhar tanto na área de desenvolvimento rural, quanto no desenvolvimento de ciências sociais pós-graduados e se eu iria para uma entrevista. Eu falei para ele: “Olha Bill, eu estou muito honrado, mas eu acabo de voltar do Timor Leste. A família está *settling down*, descobrindo a vida aqui. Acabei de começar na faculdade, estamos aqui em menos de dois anos. Eu acho que o tempo não é propício”. Quando umas palavras do Wagley voltaram para minha cabeça: uma vez, quando ele me ofereceu uma coisa e eu não me interessava eu dizia: “Não vou fazer isso não”. Ele olhou para mim e disse: “Olha Shepard, você se faz um desserviço muito grande, você se nega a fazer uma coisa antes de saber o que é” – um conselho de primeira, não é? Então, eu parei e disse para o Bill: “Olha Bill, eu acho que não é para mim. Mas se vocês toparem me levar para Nova Iorque para a entrevista poderia ser que eu mude de ideia e aos piores eu vou saber mais do que vocês precisam e posso recomendar outras pessoas”. Ele disse: “Então venha”. Passei um dia, oito horas na Fundação em Nova Iorque. Fui entrevistado por sete pessoas, cada um de uma qualidade tão boa que eu pensei: “Se me oferecem esse trabalho, eu quero trabalhar com o pessoal dessa qualidade”.

L.O. – Só uma coisa...

H.A. – A data...

S.F. – Sim, claro... Essa foi em 1976. Me ofereceram um emprego. Pedi licença da faculdade. Minha esposa não estava gostando do que ela estava fazendo em Michigan, ela é muito urbana. A ideia de voltar ao Rio ela adorou. Então, nós viemos para cá, passamos dois anos. Depois a Fundação pediu que eu ficasse mais um, a faculdade estendeu a licença para mais um ano. Fiquei três anos aqui, de 77 para 80 e depois larguei a faculdade. Passei mais quinze anos em Nova Iorque como diretor de programas em direitos humanos, governança, políticas públicas e depois relações internacionais.

L.O. – Posso fazer uma pergunta a respeito desse momento aí? Quando você pegou o trabalho na Fundação era como não representante, era como program officer?

S.F. – Era program officer...

L.O. – Na área essa de...

S.F. – De desenvolvimento rural e Ciências Sociais e Economia.

L.O. – Que obviamente tinha a ver com toda sua experiência anterior sobre nordeste, sobre o campo. Você trazia uma bagagem...

S.F. – Isso, o livro que era sobre o nordeste e campesinato, mas também foi um livro que, de certa forma, atravessava as disciplinas acadêmicas de história para ciência política, para economia de desenvolvimento e antropologia. Então eu acho que isso que a Fundação interessou. Agora, tem duas coisas que eu acho interessante do ponto de vista da Fundação e a reputação da Fundação na época. Meus colegas na Universidade de Michigan, quando eu aceitei o trabalho e entrei de licença, eles achavam curioso que eu vinha para o Brasil não para fazer pesquisa, mas para trabalhar. Quando eu me demiti da universidade, eles ficaram realmente sem entender. Alguns deles, bem de esquerda, achavam que eu estava vendendo minha alma para os capitalistas mundiais porque eles associavam a Fundação com uma coisa que realmente não era. Até me lembro de

receber uma carta de um aluno meu de graduação da Universidade de Chicago – onde eu tinha ensinado antes – me acusando de traição, que eu estava saindo do mundo acadêmico e de política mais de esquerda para um mundo que ele achava que não era para ser...

L.O. – Já tinha acontecido a luta dos anos 60 nos Estados Unidos, não é? Como é que você vê isso, vamos dizer, essa transformação do mundo acadêmico e cultural norte americano e a própria Fundação Ford?

S.F. – Olha, a Fundação Ford teve uma grande mudança na década de 50, foi fundada em 36. Na década de 60, quando um relatório chamado Gardner Report – que vocês devem adquirir uma cópia e ler, ver a evolução do escritório aqui através das recomendações daquele relatório que fala em todas as áreas de programação que a Fundação...: direitos humanos, economia, política internacional etc e tal. Foi um documento meu, político, sobre a responsabilidade de uma Fundação nos Estados Unidos que até agora tinha atuado nas comunidades onde a Ford teve suas fábricas. Nessa atuação internacional, enquanto a Ford estava sendo menos assistencialista e mais programática e expansiva nas suas ideias políticas, houve uma desavença entre a família Ford e a Fundação. Eu acho que foi no começo da década de 70, o último membro da família se demitiu do *board of directors* reclamando que a Fundação estava jogando dinheiro fora, pela janela, para causas progressistas e liberais contra a visão capitalista da companhia e da família. Há muito tempo havia um desagrado dos interesses. Pois bem, na década de 60 os Estados Unidos realmente estava muito tumultuado, por causa da guerra no Vietnã, o movimento de direitos civis, direitos da população afro-americana – negra, na época -, movimento sindicalista muito forte, o assassinato dos dois Kennedy's e Martin Luther King, muitas multidões. E a Fundação, naquela época, começou sutilmente – e não tanto tão sutilmente – a se aliar com os interesses mais liberais e progressistas do país na área doméstica. Na área internacional era diferente, ainda seguia - principalmente na África, na Ásia e aqui também - uma ideologia modernista, desenvolvimentista em que achava que na educação e desenvolvimento das elites tudo ia melhorar nesse mundo lá fora. Então, a parte internacional e a parte doméstica da Fundação eram duas entidades bastante diferentes, as pessoas não se conheciam, não interagiam, era uma coisa muito curiosa. Com a morte dos Kennedy's,

peças da administração do Kennedy, principalmente McGeorge Bundy, assumiu a presidência da Fundação. [McGeorge] Bundy e o [Robert] McNamara foram os arquitetos de guerra em Vietnã. E McNamara veio como diretor do *board* e Bundy como presidente.

L.O. – Eu não sabia que o McNamara tinha chegado...

S.F. – McNamara estava lá, estava lá... O *board* naquela época era muito poderoso, muito poderoso. Pessoas com uma capacidade, uma cabeça que hoje em dia é muito diferente, mas naquela época o *board* influenciava muito o que a Fundação fazia. Depois, no meio tempo, começou a mudar em que investia o presidente. O Bundy dependia da intelectualidade, da visão, da influência do *board*... Os oficiais da Fundação, o presidente e vice-presidente, começaram a gerenciar o *board* - que é uma atitude muito diferente em que o nível do *board* diminuiu bastante. Pois bem, o que é curioso... Tem uns livros escritos sobre essa época da história e de Bundy, Robert McNamara, outros movimentos sindical, acadêmicos como o *Health Derendorf* em que a Fundação realmente resolveu que queria apoiar as mudanças que estavam acontecendo e começaram a abrir o que estavam apoiando nos Estados Unidos e também para o mundo lá fora. Então aos poucos começou a haver uma mudança nos escritórios no exterior, um movimento em que as ligações sociais, políticas e econômicas tinham que ser levadas em conta e não apenas essa ideia de modernismo.

L.O. – Mas no caso de América Latina, de Brasil...?

S.F. – Isso que eu ia dizer. A Fundação estava com escritórios no México, sempre muito influenciada pela política dos Estados Unidos mexicano e os interesses americanos no México; nos Andes, em Bogotá e em Lima; em Santiago do Chile; em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Quando os militares começaram a tomar conta da área que hoje em dia é o Mercosul: Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. A Fundação se encontrou naqueles países... Vamos deixar os Andes à parte, porque a política lá era diferente e eu não estou muito a par. E lá as questões indígenas eram bastante diferentes e criada em uma programação diferente naqueles escritórios. Mas com os golpes militares nesses países, a Fundação foi forçada a pensar em um modo diferente na

programação e seria bom, por esse motivo, falar com duas pessoas muito importantes... Bom, se conseguir no arquivo ver os materiais do Richard Morse que era o representante aqui antes de Bill Carmichael, depois falar com Bill Carmichael e falar com o Peter Bell. Peter Bell tem uma presença muito importante nessa história da Fundação na época, primeiro em Chile, onde ele enfrentou o regime Pinochet de uma maneira formidável, ele protegeu e salvou muitas pessoas, e depois aqui no Brasil. Mas aquela época de 64 para meados de 70, eu acho que a Fundação andou cautelosa aqui. No Chile fechou o escritório porque não tinha condições de continuar. Aqui continuou, mas eu acho que embaixo do radar e ainda apoiando coisas que não ameaçavam o governo. Embora, seria interessante, estou pensando agora que eu não conheço essa época muito bem e eu também teria interesse em saber mais. Você perguntou se o golpe... Eu estava aqui na época do golpe, no dia do golpe eu estava na praia de Copacabana quando os navios chegaram. Eu lembro que a gente aprendia que havia um golpe através do The New York Times que sabia bem antes do povo brasileiro o que estava acontecendo. Naquela época eu não tive muito contato com a Fundação, também porque a Fundação representava, naquela época, o que os meus amigos achavam o que era, não é? Uma entidade conservadora do *establishment* e eu era esse jovem antropólogo mais de esquerda...

L.O. – Você estava comentando que a própria Fundação Ford nos Estados Unidos, vamos dizer assim, se tornou liberal antes dos escritórios, não é?

S.F. – Sem dúvida. O escritório sempre mais preocupado com o ambiente que ele tinha que funcionar e isso continua até hoje. Tem apenas um escritório, na Indonésia, em que todos os *grants* ainda têm passar pelo governo para aprovação. Em outros lugares a Fundação negociava isso fora, mas também sempre havia aquela pequena autocensura do que fazia, para não perder o lugar ou para não ameaçar os *grantees* ou as pessoas que trabalhavam no escritório e etc. Porque realmente no final da década de 70 ficou duro. Eu me lembro, uma das primeiras coisas que eu enfrentei no escritório – 77, 78 – foi uma visita de um cara que falou que era acadêmico foragido de Buenos Aires, mas pelo jeito dele era óbvio que não era nada disso. Ele estava vestindo aquele casaco de couro,

tinha todo o jeito do DOPS², não é? Ele veio dizendo que acabou de chegar e precisava de ajuda, então queria entrar em contato com os exilados argentinos aqui, se a gente poderia ajudar a ele a fazer contato, etc e tal. De jeito algum, não é? Não, eu disse que a Fundação trabalhava em sigilo, que a nossa relação com bolsistas era protegida, privacidade deles e que infelizmente não poderia ajudá-lo.

L.O. - Você acha que, vamos dizer assim, o reforço de doações na área de Ciências Sociais é resultado dos problemas concretos enfrentados no Brasil ou correspondiam a uma política da Fundação Ford?

S.F. – Eu acho duas coisas: eu acho que correspondia a Fundação Ford e a política deles, a experiência deles em outros países. De certa forma era parte dessa ideia de modernismo, embora uma mudança da parte mais tecnológica – de engenharia e etc – para as Ciências Sociais que todo mundo achava importante para poder entender o país e dar a vez para as pessoas do país se entenderem e tratar do seu próprio desenvolvimento. Então, a ideia “analítica” de Ciências Sociais, principalmente de Ciências Políticas e Economia, era considerada muito importante. Ainda não era interessante Política Pública porque a ideia era ainda mais intelectual do que meter-se na política do país. Era uma política generalizada, mas também muito concentrada na América Latina e eu acho que por causa da qualidade dos acadêmicos aqui. E também influenciado pelos programas de *Areas Studies* nos Estados Unidos...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

S.F. – A Fundação estava muito envolvida no *Areas Studies*, estudos das regiões, e muito empolgada com *Social Science Research Council* nos Estados Unidos que era o principal do patrão do *Social Science Research Council*. E o *Social Science Research Council* tinha comitês fortes sobre América Latina e eu acho que a Fundação viu que precisava de uma contrapartida entre o desenvolvimento de *Areas Studies* nos Estados Unidos e o fortalecimento desses próprios estudos aqui. Eu acho que é mais ou menos por aí que desenvolveu, que surgiu. Quando eu vim tinha algumas coisas em história

² Departamento de Ordem Política e Social

aqui, porque o Richard Morse era um grande historiador e estava naquele meio. Bill Carmichael era economista e começou a pensar em economia. Mas nos últimos anos de 70, quando começou a pensar em uma abertura já estava para haver... Era uma época dura de ditadura, não é? Mas também dava para ver que tinha umas entradas. Essas pessoas mais articuladas, mais articuladas para conversar, eram os sociólogos e os cientistas políticos e entidades iniciantes, mas fortes em que a Fundação tinha um papel. Principalmente em São Paulo quando o Fernando Henrique [Cardoso] foi cassado e queria abrir o Cebrap³, a Fundação entrou logo com o apoio. Peter Bell e Bill Carmichael que apoiaram isso. Eu me lembro de um encontro, 77-78... Eu conheci a Ruth Cardoso muito antes quando eu vim fazer a pesquisa sobre a pescaria. Uma grande figura na antropologia foi a Gioconda Mussolini, da USP⁴, que tinha feito pesquisas no litoral paulistano. Então eu fui conhecê-la em São Paulo e naquela época ela me apresentou a Ruth Cardoso que era estudante da pós-graduação da USP. A Ruth virou grande amiga da gente e grande apoiadora da fundação que minha esposa formou aqui, uma coisa chamada *Brazil Foudantion*. É interessante, porque Leona [Forman] trabalhou 20 anos na ONU⁵, mas vivia a Fundação Forte através de mim. Quando ela se aposentou na ONU, ela queria dar algo em troca ao Brasil que acolheu a família dela aqui que foram refugiados da China em 1953. Com a experiência da Fundação Ford, ela resolveu fazer uma fundação brasileira chamada *Brazil Foudantion* que arrecada dinheiro no exterior, entre entidades brasileiras e entidades comerciais, empresas com interesses no Brasil para projetos sociais aqui – nas áreas muito ligadas às áreas da Fundação Ford: direitos humanos, cidadania, desenvolvimento comunitário, saúde. Pois bem, essa fundação que tem tido apoio da Fundação Ford, tem apoiado quase trezentos projetos aqui no valor de 12-14 milhões de dólares nos últimos onze anos. Então a Fundação tem tido influência na área de filantropia que também é um *side effect* do meu trabalho.

H.A. – Voltando um pouco a essa fase...

³ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

⁴ Universidade de São Paulo

⁵ Organização das Nações Unidas

S.F. – Vocês não estão perguntando nada, eu estou aqui...

H.A. – Está ótimo.

L.O. – É, a gente só preenche aqui: já respondeu, já respondeu, já respondeu.

H.A. – Essas questões das bolsas, porque sabemos que foi a menina dos olhos da Fundação durante muitos anos – a bolsa e os bolsistas envolvidos. Eu acho que foi bem nessa época que o senhor estava aqui, não é? Como eram escolhidos os bolsistas, como era isso?

S.F. – Olha, no início foram escolhidos pelo pessoal da própria Fundação. Quando eu cheguei aqui, eu acho que foi realmente na administração do James Gardner quando eu tive [INAUDÍVEL] estava na parte de população. Nós resolvemos que as decisões deviam ser tomadas pelos próprios brasileiros e começamos a formar comitês em todas as áreas. Agora, isso vocês teriam que pesquisar para ver se alguns desses comitês existiam antes. Mas nós criamos comitês na área de Ciências Sociais, na área de Economia, na área de população e saúde da mulher, eu acho que é só. Tinham coisas... Sei lá... Era muito interessante porque nós estávamos começando a trabalhar com uma camada mais jovem de brasileiros e havia umas questões entre os, como se chamaria, grandes que não gostaram das ideias dos comitês. Eu me lembro de uma conversa, eu não vou falar o nome porque eu não acho certo, em que o comitê tinha selecionado uma instituição de pesquisa em uma determinada área de Ciências Sociais que estava começando na época e uma pessoa que achou decano nessa área ligou para mim na Fundação dizendo que nós não tínhamos o direito de dar qualquer bolsa que não passava pela aprovação dele. Eu disse que não era assim na Fundação, era uma entidade independente e nós tratamos com um comitê bem qualificado. Ele veio para a Fundação para falar com o representante, o James na época, para reclamar a mesma coisa e chegou perto de pedir a minha demissão por não entender o Brasil e seguir as regras do país. Mas claro que eu tive o apoio e... Mas eu acho que vivi para sempre o *enmity* dessa pessoa. Pois bem, formamos esses comitês... Tinha outra coisa, eu achava que eu não poderia estar aqui só trabalhando na Fundação, que eu tinha que manter a minha entidade acadêmica. Então, quando eu estava aqui na Fundação eu também dei aula no

Museu Nacional e no IUPERJ⁶, e eu tive muitas boas relações no [INAUDÍVEL], onde tinha o programa de desenvolvimento rural. Eu fiquei muito contente em saber que o Graziano agora é diretor-presidente do FAO⁷, que na época ainda na ditadura apoiando Graziano e a Abra na área de desenvolvimento agrícola foi um certo desafio ao governo. Mas interessante, eu não me lembro uma vez em que os militares se meteram no que a Fundação estava fazendo, mesmo quando a Fundação agiu politicamente. Em um determinado momento, por exemplo, o Bolívar Lamounier estava saindo da Fundação aqui no Rio quando foi preso e Peter Bell, que estava no escritório na época, insistiu em descer, entrar no carro com ele e ficar lá junto com ele até saber que ele estava bem. Então, mesmo com esse ativismo, eu não me lembro uma vez... Mas é uma coisa para perguntar Carmichael e Peter [Bell]. Em Chile foi diferente, os militares enfrentaram a Fundação e a Fundação... Foi muito mais duro. Aqui eu acho que não aconteceu...

[FINAL DO ARQUIVO 1]

L.O. – A importância dos bolsistas... Você estava se referindo à figura do Bolívar Lamounier e eu estou lembrando se era através das bolsas, vamos supor assim, que a Fundação Ford apoiava de alguma forma cientista sociais jovens no Brasil que estavam sofrendo, pelo menos, ameaça do...

S.F. – Olha, a Fundação aqui e em outras partes da América Latina deu muitas bolsas de apoio para essas pessoas para ajudá-los no exterior, tanto por motivos humanitários como por motivos de desenvolvimento e essa ideia de educar uma classe de pessoas que poderiam voltar. A educação... Olha, as pessoas foram bem escolhidas, tanto pela parte acadêmica, qualificações acadêmicas, também pensando nas áreas que eles representavam e o papel que eles poderiam tomar no futuro. Agora têm pessoas muito corajosas, como Fernando Henrique [Cardoso], que resolveram ficar aqui, e tinham pessoas que não poderiam ficar aqui, que tinham que sair, que a Fundação ajudava. Claro que não ajudou todo mundo, a Igreja levou muitas pessoas para fora. A Fundação

⁶ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

⁷ Food and Agriculture Organization

apoiava também alguns programas no exterior para as pessoas não desraizarem. Tinha um projeto, por exemplo, para chilenos na Europa, para poderem reunir e continuar com contatos no Chile e etc. A Fundação apoiou um livro muito interessante chamado *Memórias do exílio*, dos brasileiros que estavam fora e foram bolsistas. Vocês devem conseguir esse livro que se a Fundação jogou isso fora com certeza alguém deve tocar fogo no escritório. Mas esse livro fala muito sobre as experiências dessas pessoas, a maioria delas bolsistas da Fundação.

H.A. – Brasileiros?

S.F. – Brasileiros, brasileiros. Mas através da Cebrap⁸, do Iuperj⁹ e do Museu Nacional, a Fundação também apoiou pessoas aqui em bolsas de pesquisa tanto quanto bolsas de estudos no exterior. Quem sabe dessa história intimamente é Joan Dassin, tem que falar com Joan. Ela também continua, hoje em dia, um programa de bolsas da Fundação que foi uma invenção de Brad [Bradford] Smith baseado na experiência dele aqui. Quando ele assumiu, a vice-presidência da Fundação em Nova Iorque o recomendou a retomada dessa política de bolsas e tem sido um dos programas mais amplos da Fundação. A história dele, 300 milhões de dólares para pessoas necessitadas poderem fazer mestrado e doutorado nos países onde a Fundação atua atualmente e tem treinado mais do que três mil pessoas, noventa e cinco por cento delas contrariam a opinião pública e voltam para os países deles depois de formarem para prestarem suas novas sabedorias, serviços etc. Programa muito bacana que infelizmente no novo regime da Fundação está acabando. No meu ver, a marca mais importante da Fundação Ford no mundo lá fora e provavelmente nos Estados Unidos tem sido a política de bolsas mais do que o apoio à ONGs e instituições – embora os dois estejam ligadas, porque muitas das pessoas são da liderança das ONGs.

L.O. – Não, isso é interessante porque comenta-se que, vamos dizer assim, no caso dos países da América Latina - Brasil, Argentina, Chile, com as diferenças das próprias ditaduras, não é que no Brasil não tenha havido perseguição, prisão, tortura, tudo isso

⁸ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

⁹ Instituto Universitário de Pesquisas no Rio de Janeiro

houve. Mas o número de argentinos e chilenos que foram para os Estados Unidos e lá ficaram é muito maior do que o número de brasileiros que foram para lá e ficaram lá.

S.F. – É verdade. Eu tenho muitos amigos argentinos que tomaram tanto desgosto que nunca mais voltaram, não conseguem porque vivem naquela história ainda. Os brasileiros que eu conheço, que estavam fora mesmo no exílio, eu acho que todos tem voltado. Os que não voltam são os brasileiros que foram após a ditadura com medo da violência civil aqui, que fugiram para lá e não voltam nunca mais. Agora, hoje em dia por causa da situação econômica aqui e a situação infeliz lá, essa comunidade de jovens brasileiros que apóiam o *Brasil Foudantion* estão voltando para cá. Os salários são melhores, empregos mais seguros... É muito interessante.

L.O. – Só não sabemos onde estão esses salários melhores, mas a gente acredita. [riso]

S.F. – No mundo acadêmico certamente não, mas nos bancos, nos fundos de investimentos estão se equalizando.

H.A. – Agora, depois dessa sua primeira experiência brasileira da Fundação Ford, você foi passar aquela temporada maior na matriz, em Nova Iorque. E como é que o escritório brasileiro era visto lá? Porque você já tinha uma imagem de dentro, mas as pessoas que não conheciam e talvez tivessem uma visão de Brasil mais confusa, digamos, ainda mais naquele momento de ditadura, como é que era...?

S.F. – Olha, o Brasil sempre foi considerado como posto importante para a Fundação por causa do tamanho, por causa do desequilíbrio de classe, por causa do tamanho da pobreza, por causa da desigualdade, por causa de questões raciais. Eu não me lembro o momento quando a Fundação, por motivos econômicos e etc, estava encolhendo que havia um pensamento em fechar o escritório aqui. Eu, recentemente, quando eu vim... Eu vou falar uma coisa com uma certa ambivalência. Mas vendo de fora umas decisões que a Fundação tem feito nos últimos anos de quais eram os escritórios para fechar, eu acho que eu não teria fechado Rússia, que aliás é um escritório que *eu* abri. Eu não teria fechado Vietnã, eu fecharia Chile ou mudaria de volta para a Bolívia ou Peru onde há mais necessidade e talvez fecharia Brasil, porque realmente a contribuição que a

Fundação, com os recursos que tem hoje em dia, pode fazer nesse país são minúsculas visto as necessidades e as capacidades locais. Eu fecharia Índia pelo mesmo motivo. Mas essas são as âncoras históricas da Fundação no exterior, então eu acho que essa história pesa muito e é difícil para a Fundação tomar essa decisão. Mas só por razões... Essa vai parecer uma crítica muito dura, mas quando eu vejo o que a Fundação tem feito em lugares como o Brasil e Índia, e o faz hoje em dia, eu acho que o legado é muito grande - devia aceitar esse legado, passar os recursos para as instituições indígenas para... Hoje em dia tem uma comunidade filantrópica aqui que não existia antes. Então investe nessa comunidade filantrópica, nacionaliza o processo que a Fundação começou a fazer com a formação dos comitês que falei, com a política de recursos humanos nacionais, representantes e *program officers* brasileiros e indianos lá. Porque manter essa ideia do dinheiro que tem que ir para fora e... Se for o caso que esses escritórios realmente informaram o que a Fundação pensa sobre a política geral em si, aí haveria uma justificação maior. Que tenham influência tem, mais do que tinha antes, nas décadas anteriores as delegações viriam de Nova Iorque para, agora há mais uma interação. Mas eu gostaria de saber da opinião de vocês quando eu penso na história da Fundação aqui, o que tem contribuído e o que pode contribuir hoje em dia. Eu acho que seria muito melhor fortalecer o *Brazil Foudantion* e outras fundações que estão aqui e virar...

L.O. – De alguma forma a própria Fundação Ford ajudou na criação desses fundos.

S.F. – Ajudou.

H.A. – É, que tenha esse interesse de ajudar na criação desses fundos, dessas novas instituições.

S.F. – E de nacionalizar o processo, mas não chega a ter...

H.A. – Entendo aqui, eu acho que eles estão fazendo o movimento certo de focar na Amazônia, por exemplo, que eu acho que ainda é um ponto. Eu sei que tem muita coisa internacional lá, mas...

S.F. – Tem muita coisa internacional lá, focado na Amazônia em que sentido? Meio ambiente que é uma história da hora. Eu, por minha parte, acho que têm questões na Amazônia além do meio ambiente que a Fundação não vai poder tocar: a questão da política de desenvolvimento brasileiro e as questões políticas lá de extração de recursos, a questão internacional das fronteiras amazônicas - o fato que é até hoje uma zona militar. Eu acho que se não cuidar, e essa é uma coisa do governo e não da Fundação, a Amazônia tem todos os elementos para ser o que é chamado na literatura uma zona de conflito regional. Porque tem materiais estratégicos e que podem ser extraídos, tem fronteiras muito abertas, tem tráfico de drogas e de armas, têm guerrilheiros, há um processo de militarização e de aumento de armas nas mãos dos governos – Colômbia, Brasil, Venezuela, todos estão se armando – e com a possibilidade da próxima grande Guerra Mundial, vai ser sobre recursos de água... [riso] Eu acho que tem muita coisa para se pensar sobre a Amazônia que a Fundação não vai pensar. E sobre a questão do meio ambiente, o assunto, para mim, está muito além do que a Fundação, hoje em dia, pode contribuir. Onde a Fundação deve contribuir na área de meio ambiente é sobre a ciência que está disputada e que não deve ser disputada. Mas eu não sei, eu me lembro dos programas que nós estávamos começando na década de 80 sobre meio ambiente com um congresso da ONU¹⁰ que foram importantes... Eu não sei... Eu quero ouvir de vocês o que vocês pensam, porque vocês achavam que a programação na Amazônia era importante. Eu não sei bem o que está acontecendo.

L.O. – Nós reconhecemos que na programação da Ford mais recentemente, este é um programa de importância. Eu não vou nem... Possivelmente os seus argumentos estão corretos ou não estão, eu não sei. Eu só diria o seguinte: você conhece alguma burocracia que tenha se suicidado? [risos]

S.F. – Conheço.

L.O. – Entendeu? Porque é muito difícil você...

¹⁰ Organização das Nações Unidas

S.F. – Têm fundações nos Estados Unidos cuja política é gastar tudo em determinado tempo e não continuar em perpetuar...

L.O. – Pois é, então eu preciso ter mais contato com isso.

S.F. – E a Fundação tem fechado escritório em diversos lugares. Eu conheço. Olha, eu sempre acho que continuar com uma entidade só por motivos nostálgicos ou históricos, não faz sentido. Tudo tem começo e fim. A ideia de existir a perpetuidade para mim... Eu sei que tem argumentos ao contrário. Eu sou, por meus pecados, hoje em dia eu sou presidente do chamado *The LAFF Society, Life After the Ford Foundation*, associação de ex-empregados da Fundação Ford que hoje em dia somos 460. Eu, de fato, propus à Fundação que nós promovêssemos juntos um debate sobre essa questão de perpetuação e eles não toparam a minha ideia.

L.O. - [risos] Porque, vamos dizer assim, os novos sempre, óbvio, que fazem uma leitura daquilo que foi feito de outra maneira. Não estou dizendo que necessariamente seja certo ou errado, mas fazem uma releitura do passado: “Ah, muito bem. Mas agora nós estamos fazendo isso que é mais importante. Afinal de contas essa formação de elites, no fundo, foi importante no país, mas agora nós estamos formando uma nova elite das ONGs, das pessoas...”. Então, tem um... Que é ou não... Quer dizer, é muito difícil isso, convencer as pessoas que aquilo que elas faziam foi muito importante, mas não precisa mais.

S.F. – É muito difícil. Então você vai andando para outros assuntos, para outras modalidades, mas a básica é a mesma: formando elites. E mesmo quando a Fundação começa o projeto que eu falei de educação que Joan Dassin está dirigindo, não está na educação de base, não está melhorando as escolas primárias e secundárias aqui. Está pegando a nata das comunidades mais necessitadas e levando ela para essa ideia de criar novas elites. Não é mal. Não há nada errado com isso, está dando oportunidade para pessoas. Mas estar dentro das comunidades realmente tentando levantar lajes, eu não vejo isso. Olha, tem outra política que eu não sei se continua, mas por um tempo a Fundação estava investindo recentemente muito nessa ideia de ação afirmativa e questões de direitos civis aqui no modelo litigioso, vamos dizer, legal que existia nos

Estados Unidos. Muito disso aconteceu enquanto eu estava dirigindo esse programa em Nova Iorque, muito disso veio de Nova Iorque. Esse projeto de comparação entre Brasil, Estados Unidos e África do Sul que Lynn Walker Hunt dirigiu com Rebecca Reichmann. É uma coisa que, como eu disse, aconteceu [INAUDÍVEL] deputado na Fundação. Tudo isso estava começando. Depois eu saí e continuou com ela na diretoria. Mas essa, no meu ver, e eu estou muito ao lado do Peter Fry nisso, embora não tão radical. Vocês têm falado com Peter?

L.O. – Tem.

S.F. – Um modelo que veio de fora e achou uma receptividade aqui entre determinado setor social e cultural, mas que foi uma maneira natural, orgânica vamos dizer, de prosseguir essas questões aqui, eu tenho minhas dúvidas. Então eu acho importante isso na medida em que, de certa forma, abriu a ideia de cotas para mulheres e pessoas de cor nesse país. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho minhas dúvidas que se não fosse forçada... Também influenciou as atividades de outras ações como Kellogg que agora tem esse programa de não sei quantos milhões de dólares de apoiar programas de afro-brasileiros. Agora, o que é afro-brasileiro no nordeste? Agora, no nordeste há uma gama de cores, de culturas em que afro-brasileiro é uma parte.

H.A. – Acaba limitando, é diferente do afro-americano.

L.O. – Sessenta por cento da população pode ser feita...

S.F. – Então eu acho que essa é uma coisa que saiu do movimento civil dos Estados Unidos que realmente não cabe exatamente certo aqui. Olha, eu tenho uma política quando sai de um lugar, você saiu senão mexe mais. Então, por muitos anos, principalmente quando eu estava no Centro em New York University que eu criei lá, eu não ficava no olho do que a Fundação estava fazendo, embora a Fundação tenha apoiado esse trabalho meu por 15 anos. E agora que estou na presidência do LAFF¹¹, eu cuidei muito de não me meter na política da Fundação, porque LAFF é uma entidade

¹¹ Life After the Ford Foundation

independente e deve continuar sendo. Eu acho que não é o papel do pessoal do LAFF de tentar olhar, comentar, direcionar o que a Fundação faz.

L.O. – É a associação dos ex-empregados da Fundação Ford, não é?

S.F. – É, sociedade dos ex-empregados da Fundação.

H.A. – Mas, por exemplo, no Centro de Cooperação Internacional que o senhor até citou, seria legal explicar um pouquinho o que era, como surgiu. Mas imagino que exista algum tipo de análise sobre cooperação internacional e sobre essas fundações...?

S.F. – Sobre fundações muito pouco...

H.A. – Vamos do começo então, como é que...

S.F. – Olha, depois de oito ou nove anos na Fundação em Nova Iorque, minha vida tem sido em etapas. Eu chego a dez anos eu fico impaciente, estou pronto para fazer outra coisa. Então eu ensinei Antropologia e Estudos da América Latina por doze anos, depois fiquei quinze anos na Fundação. Mas depois de uns sete ou oito anos na Fundação em Nova Iorque, eu achava que estava na hora de sair. Eu falei com o então presidente Franklin Thomas, um grande homem, uma pessoa que eu respeito muito, e Susan Berresford que depois virou presidente... Eu falei que queria sair e passar... Eu estava dirigindo dois programas (Direitos Humanos e Justiça Social; e Governança e Política Pública), eu tive dois deputados maravilhosos e eu estava bloqueando o progresso deles. Eu tive grande sorte de ter mentores maravilhosos na minha vida de quem eu aprendi que a contribuição maior que se pode fazer é criar uma camada de pessoas que vai te substituir e tomar conta. Grande orgulho que eu tenho são as pessoas que eu empreguei, com quem eu trabalhei na Fundação, que têm passado para cargos muito importantes. Então, eu achava que estava na hora de sair e então fui falar com o presidente e vice-presidente para dizer, para pedir ajudar deles em encontrar um próximo passo. Eles falaram: “Olha, estamos ao fim da Guerra Fria, temos que repensar nossos programas de relações internacionais que eram muito ligados à Guerra Fria”, e perguntaram se eu teria mais cinco ou seis anos para reformular esse programa. Eu

achei um desafio interessante, aceitei e fiquei mais sete anos. Nesses sete anos a Fundação apoiou muita coisa da ONU que me preocupava. Porque eu vejo que a ONU é uma instituição muito importante, minha mulher trabalhou lá vinte anos, eu conheci bem a instituição, mas eu estava preocupado com o fato de que a cooperação internacional não estava funcionando muito bem: governos prometiam coisas que não realizavam em diversas áreas. Então, eu estava vendo, por exemplo, a conferência aqui de 92 onde os governos prometeram muito dinheiro que nunca foi realizado, a conferência sobre saúde e mulher no Cairo a mesma história. Quando eu estava na Fundação e a União Soviética estava desfazendo-se, o número de visitas que eu tive do departamento do Estado e de outras entidades americanas para pedir ajuda da Fundação... Porque os governos da Europa e dos Estados Unidos tinham prometido 60 milhões de dólares para recuperação da Rússia e dos ex-países do bloco soviético e não tinham o dinheiro. Prometeram mas não tinham, então estava procurando no setor privado. Eu achei isso muito interessante, então eu peguei o dinheiro... Uma coisa maravilhosa da Fundação é a delegação de autoria. Então eu tive sempre direitos de fazer doações de primeiro 25 mil e depois 100 mil sem pedir licença de alguém, foi um sonho. Chegou um ano em que eu tinha 55 milhões de dólares. Claro que tinha que ir para uma reunião das pessoas para aprovar doações maiores, mas até primeiro 25 e depois 100 mil eu tinha o direito de assinar. O privilégio de trabalhar em uma instituição que confia tanto nas pessoas que trabalham lá, que dá essa liberdade, que escuta as suas ideias e banca suas ideias é uma coisa incrível. A Fundação é a melhor nesse sentido, é a melhor nesse sentido, realmente abre mão, ou abria – eu acho que tem mudado um pouco – mão para o *staff* fazer o que achava melhor fazer e endossava as recomendações do *staff* e bancava. Pois bem, eu coloquei ao lado o dinheiro para fazer a pesquisa sobre essas questões de falhas na cooperação internacional, tanto visando ONU quanto outras entidades multilaterais e também ver aonde poderia ter recursos públicos que poderia apoiar esses programas. Primeiro não estava encontrando nenhuma entidade que concentrava nessas questões de multilateralismo e cooperação internacional, eu estava ficando mais e mais interessado nesse assunto. Então, em um determinado momento eu fui de volta a Susan, quando ela estava assumindo a presidência, e disse: “Olha Susan, tem sido maravilhoso aqui dezoito anos da minha vida que eu nunca vou replicar, mas realmente está na hora e eu tenho essa ideia de um projeto”. Então ela me mandou falar com Franklin [Thomas] e eu cheguei ao escritório dele e disse: “Olha

Franklin, eu tenho um problema que eu estou em um ponto de conflito de interesses. Eu tinha colocado de lado três milhões de dólares para trabalhar nessa área, você está consciente disso?”, porque a gente, todo ano, apresentava um plano de ação baseado no orçamento. Então estava lá marcado. Eu disse: “Eu não estou achando instituições onde eu possa gastar esse dinheiro, investir esse dinheiro e eu acho que está na hora de eu sair. Eu gostaria de fazer, mas tem esse problema: eu não posso sair com esse dinheiro...”. Ele disse: “Olha, essa é uma instituição grande, nós temos nossos meios de fiscalizar e de *accountability*. Eu peço uma coisa de você: você pesquisa bem, faz uma proposta como qualquer um que você avaliava e vamos avaliar. Se acharmos que tem mérito, então não vai haver conflito nenhum”. Então, eu consultei por escrito mais do que 200 pessoas em não sei quantos países sobre essas questões de multilateralismo e a necessidade de pesquisas e ação na área. Recebi respostas com ideias da maioria delas. Porque uma coisa que a Fundação tem é muita influência, então o pessoal da Fundação escrevendo você tem respostas, não era de Shepard Forman, era da instituição. Eu fiz uma proposta para Ford e MacArthur que entre eles levantaram 5 milhões de dólares e disseram para mim: “Faça”. Então, com esses 5 milhões de dólares prometidos para gastar em três anos... Não, desculpe, era um projeto... Não me lembro mais, era um projeto de três a cinco anos. Era um projeto de cinco anos e foi três milhões de dólares, desculpe-me. Não, foi cinco milhões... Bom, eu fui para várias universidades e entidades, eu tive muita oferta para... E o que foi mais atrativo foi NYU¹², fui lá criei esse centro de estudos, Centro de Cooperação Internacional – CIC, com dois assistentes de pesquisas e lá fomos nós. Primeiro fizemos um mapeamento de toda a área de ação multilateral e identificamos 27 áreas de direitos de autoria intelectual até o *International Atomic Energy*. Uma gama de 27 áreas que definimos em oito setores: direitos humanos, assistência humanitária, segurança e paz, desenvolvimento, finanças internacionais, meio ambiente... Estão faltando dois... E fizemos uma análise de bases intelectuais, políticas, legais, financeiras e institucionais em todas essas áreas para saber qual é a gama de interação multilateral para resolver determinados problemas globais. Resolvemos começar com pesquisa em algumas áreas que tinham muito a ver com o que eu descobri na Fundação Ford. O primeiro foi um projeto chamado “Projeto sobre Cortes e Tribunais Internacionais”, por quê? Quando eu estava em Nova Iorque

¹² New York University

um dia, eu tive a visita do presidente da Corte Internacional, sir Robert Jennings, que falou para mim: “Olha, nós acabamos de resolver o caso mais importante que já tivemos na história da Corte: uma disputa territorial entre Honduras e Nicarágua. Não temos meios de traduzir a decisão para o espanhol, tivemos que entregar para eles em francês. Não temos meios de divulgar isso como modelo/exemplo para evitar conflitos em outros países que diziam uma coisa de prevenção ao invés de reação. E pior, os juízes têm que fazer suas próprias pesquisas e depois fazer decisões sobre o que eles mesmos estão descobrindo”. Em qualquer Corte você têm ajudantes que fazem as pesquisas, fazem os argumentos e apresentam aos juízos e aí os juízes estão reagindo. Então é um sistema cheio de problemas. Mas a ideia de fato é que a Corte internacional não tinha recursos para fazer o trabalho mais básico do mandato deles me assustou. Então, começamos com esse projeto chamado *Project on International Courts and Tribunals* com um comitê de orientação - que eu aprendi como uma coisa na Fundação - feito pelos melhores advogados e juízes no mundo lá fora e continua até hoje vendo como funciona o sistema de justiça institucional internacional. Segundo assunto foi essa de recuperação da Rússia. Então criamos um projeto sobre a discrepância entre as promessas que os governos fazem e o dinheiro que eles realmente pagam em países saindo de conflito ou em grandes transformações. Fizemos um livro chamado... Ah, meu deus! O nome vai voltar... No qual fizemos estudos de campo juntando pesquisadores dos países doadores com pesquisadores dos países recipientes. Ah, o livro era chamado *Good Intentions* – intenções boas que não foram cumpridas. Fizemos estudos de caso da África do Sul, dos territórios palestinos, da Bósnia-Herzegovina, do Camboja, de Moçambique à Salvador. Em todos esses casos, o melhor cenário foi em territórios palestinos em que cinquenta por cento do que foi prometido foi entregue dentro em cinco anos. Quer dizer, uma falha total do sistema de assistência internacional. Esse livro resultou em um convite do Banco Mundial para ajudá-los a pensar em uma nova modalidade de fornecer ajudar em países ainda em conflito. Nós fizemos um trabalho em que propomos a formação de uma nova instituição internacional financeira e política para tratar desse conjunto de problemas e de apoio internacional que é muito diferente do fornecimento de ajuda e assistência internacional em países normais. Depois de muito vai e vem foi criado, mas não como a gente queria. Hoje em dia existe a Comissão de Paz da ONU e um fundo de recuperação após conflito, e uma terceira entidade separada dentro da ONU de pessoas que poderiam

oferecer conselhos na área de justiça e desenvolvimento após o conflito, constituição de instituições nacionais e etc. Mas são três entidades separadas enquanto nós recomendamos uma coisa só. Aprendi muita coisa sobre a relação entre pesquisa, política pública e atuação política – porque são coisas diferentes e as coisas nunca chegam ao final que você... Outra coisa, eu queria fazer uma das conferências da ONU, então nós fizemos um projeto sobre a avaliação de constituições que foram feitas após a Conferência no Cairo. Publicamos um livro, um estudo sobre a falta, de novo, de... Então o centro que era para ser uma pesquisa de cinco anos resultando no livro, virou uma instituição que hoje em dia tem mais de trinta pessoas trabalhando, pesquisadores... A Fundação apoiou por quinze anos e depois parou. A maioria do dinheiro agora vem dos governos europeus e do Banco Mundial o que cria um problema, porque quando tínhamos o apoio das fundações americanas a gente fazia o que bem queríamos, inventávamos os projetos e agora o centro reage aos pedidos de entidades e não tem a mesma independência. Mas faz um belo trabalho e tem tido muita, muita influência na política pública internacional - não tanto no governo americano, mas certamente na ONU, no Banco Mundial e nos países europeus. Vê o site... Eu não estou mais envolvido, eu sou [INAUDÍVEL], mas eu faço alguma outra coisa para ajudá-los. Mas realmente agora eu vou me dedicar à camuflagem e às memórias. [risos]

H.A. – Tem uma coisa que a gente acabou passando direto que o senhor só citou e falou agora muito de Rússia... Mas a sua participação na abertura do escritório lá e por que o senhor acha que esse novo deveria ser fechado? Acho que seria importante a gente...

S.F. – É. Quando eu fiz essa transição do Programa em Direitos Humanos e Governança para área de Relações Internacionais duas coisas me interessavam: primeiro ficar com o programa de Direitos Humanos Internacionais que de certa forma foi meu neném, eu criava esse programa... Não sozinho, com muito apoio das pessoas que tinham saído do escritório aqui: Bill Carmichael e Bruce Bushey. Essa é outra história que a Fundação tem tido um papel muito importante: na área de AIDS. Se quiser a gente pode falar um pouco sobre isso. Mas eu criei o programa institucionalmente e eu não queria abrir mão, porque curiosamente sempre dava com uma certa ameaça; já fizemos aquilo então vamos mudar para outras coisas. Cada vez que o programa de direitos humanos perdia um *program officer* em Nova Iorque, sempre levantava assuntos se se devia substituir

por outra matéria e eu sempre fiquei: “Não, na minha vida não”. Então eu não queria perder esse, eu insistir em levar comigo para a área de Relações Internacionais – que fazia sentido também intelectualmente – separá-lo de movimentos de direitos civis americanos. Segundo, a primeira visita que nós fizemos à União Soviética em 89 foi de um grupo de várias entidades da Fundação em Nova Iorque da área de ecologia e meio ambiente, na área de desenvolvimento rural, na área de governança e política pública, na área de educação e na área de relações internacionais. Então, qualquer um deles podia tomar a liderança na formação do programa e na abertura do... Bom, eu nem estava pensando em abrir um escritório ainda, estava vendo o que nós poderíamos programar com a abertura. Mas dada a minha história pessoal, a família que saiu de lá, a história de Leona [Forman], minha esposa, cuja família saiu de lá, eu falei que aceitaria essa proposta de reformular o programa de relações internacionais após Guerra Fria se eu pudesse ficar com o Programa de Relações Internacionais e a programação na Rússia. Embora fosse interdisciplinar em todas as áreas em que a Fundação trabalhava, eu queria segurar as rédeas. Aí eles concordaram, nós fizemos essa primeira visita. Aliás, eu levei o meu filho comigo com dezesseis anos e ainda estava meio soviética a Rússia. [risos] Ainda estava a mudança do Gorbachev para o Yeltsin. Meu filho com dezesseis anos, a gente levou e eu nunca foi esquecer... Nós estávamos em uma reunião com um ministro e o ministro falou, falou, falou naquela maneira totalitária russa. Ao final ele perguntou se tinha alguma pergunta e o meu filho com dezesseis disse: “Sim senhor, eu tenho uma pergunta”. De fato perguntou uma coisa sobre o que eles iam fazer com a política de meio ambiente e recebeu uma resposta muito digna. Eu fiquei assim [risos]: “O que você está fazendo filhote?”. Olha, a Fundação fez um trabalho muito bom, modelado muito na experiência aqui na América Latina e em uma experiência na Europa Central (Tchecoslováquia, Hungria, Polônia). A Fundação apoiou dissidentes principalmente através da literatura, apoiou imprensas pequenas que estavam mimeografando coisas... Isso de Nova Iorque. Mas vendo a possibilidade de melhor organizá-los em entidades, ONGs seguindo os modelos aqui da Cebrap e etc, nós começamos a criar instituições nesses países e na União Soviética também. Uma das primeiras coisas que nós fizemos foi apoiar uma ONG em formação chamada Memória, que estava publicando livros sobre os processos criminosos, entre aspas, do Stálin. Apoiamos a Memória a fazer as pesquisas e publicar os livros. De fato, no primeiro livro pessoas com nomes A e B aparecem em processos contra o avô de minha esposa,

que ele em um processo que durou 15 minutos foi acusado de ser o inimigo do Estado por trabalhar em um banco. Foi executado a tiros no mesmo dia do processo e só para ser recuperado seis anos depois. Então, para mim o programa na União Soviética tinha um aspecto, de certa forma, pessoal e eu achei que a Fundação tinha capacidade lá de replicar os grandes momentos da Fundação que para mim foram nas transições das ditaduras na zona sul da América Latina e a transformação na África do Sul do *apartheid* para uma África do Sul multirracial e democrática – que não tem dado tão certo como a gente esperava, mas eram grandes momentos da Fundação. A situação na Rússia era muito diferente, porque as transformações aqui e na África do Sul foram radicais por causa das transformações constitucionais em que a Fundação também teve um papel no sentido de... No bicentenário da Constituição nos Estados Unidos, quando eu estava dirigindo o programa de Governança e Política Pública, nós fomos bombardeados com pedidos de entidades nos Estados Unidos que queriam celebrar a Constituição americana. Por meu ver, celebrar um momento na história de um país que foi evoluindo não fazia sentido. A Constituição americana, graças à Deus, tem mudado para melhor, para dar voto para a mulher, para dar voto para negros. Então, eu, mais uma vez baseado na experiência aqui, formei um comitê de professores e advogados da lei constitucional americana. Perguntei a eles o que a Fundação devia fazer para comemorar e dois deles tinham uma ideia genial, eles disseram assim: “Em primeiro lugar comemora a Constituição como um documento vivo. Estuda as mudanças e os porquês dessas mudanças. Em segundo, faça um projeto internacional não sobre constituições ou sobre a Constituição, mas sobre exatamente sobre esses processos de constitucionalismo”. Então fizemos um projeto chamado Comparações Internacionais com comitês em diversos países vendo as constituições... Muitas dessas pessoas foram chamadas para fazer as constituições aqui no Brasil, no Chile, na Argentina, na África do Sul e na ex-União Soviética, nos país ali. Então foi outra contribuição muito importante que a Fundação fez. Era um projeto belíssimo. A Rússia não tem tido essa transformação radical em que uma nova constituição virou a ponta de partida. Então as ações das ONGs, dos acadêmicos na Rússia, após União Soviética, continuavam muito controladas e a Fundação não poderia ter o mesmo papel, a mesma influência. Então, o novo presidente resolveu, eu acho para... Isso é *off the record*, ok?

[FINAL DO ARQUIVO 2]

S.F. – Uma das primeiras coisas que veio para mim quando... Eu cheguei em Nova Iorque em 80, passei o primeiro ano pensando em sair da Fundação porque foi um ano de transição com o novo presidente. Todo mundo esperando ele dizer o que ele resolveu e então não estávamos fazendo muita coisa e eu fiquei muito frustrado, mas eu fiquei. As primeiras recomendações que foram feitas pelo pessoal de direitos civis para o *board of trustees* não foram aceitos. Ele pediu para que eu redigisse o que eu fiz e aí me ofereceram a diretoria do programa. Depois o mesmo quase aconteceu na área de Governança e Política Pública. Mas eu estava começando em uma área nova, duas áreas... Bom, eu tive experiência na área de Direitos Humanos, mas não tanto na parte doméstica americana. Porque vocês perguntaram antes algo sobre a política nacional nos Estados Unidos na década de 60 e eu passei muito dessa década fora do país, então eu não fazia parte. Eram dois programas grandes, então eu queria limitar as áreas de atuação. Em 80 ou em 81, não me lembro exatamente quando, a epidemia de AIDS estava aparente e a Fundação perdeu seis jovens maravilhosos para essa praga, inclusive Bruce Bushey que era o representante aqui por algum tempo. A Fundação tratou deles e chegou a ser chamada *mother Ford* por causa do carinho que deu a essas pessoas que sofreram e acabaram morrendo. Mas foi bem início no meu começo em Nova Iorque, talvez seis meses depois não sei... Não em 80, em 81, porque em 80 estava naquela transição em que o Franklin [Thomas] e Susan [Berresford] me chamaram e disseram que eles acharam que tinha que ver esse problema de AIDS e se havia um papel para a Fundação e queriam que eu fizesse. Eu disse: “Não, de jeito algum. Eu já estou com o prato cheio e não posso comer mais”. Eles disseram: “Não, você vai fazer”. Então, eu chamei um consultor ou dois para me ajudar e fizemos uma pesquisa dentro dos Estados Unidos do que estava acontecendo. Dava para ver que esse ia ser um problema de saúde pública, política pública, enorme e de muita importância e provavelmente mundialmente. Mas a Fundação na época não trabalhava na área de saúde, então tinha que ver onde é que os programas da Fundação engajavam com esse novo problema. Depois de algumas consultorias de alguns meses, nós resolvemos que tinham duas áreas ou três aonde a Fundação poderia fazer uma contribuição. Na área de direitos civis e políticos das pessoas que estavam sendo desempregadas e os hospitais não atendiam; na área de educação porque tudo era dirigido com muito medo e maus atendimentos; e na

área de política pública, desenvolvimento e política pública para atender a essa população. Fizemos uma recomendação, com um orçamento, seis vezes em um ano e meio. Eu fiz apresentação para o *board directors* e cinco vezes eles falaram: “Olha, não convêm. Nós não trabalhamos na área de saúde, o problema é enorme. O que nós vamos fazer? Vai gastar o dinheiro e vai ser um poço sem fundo”. Cincos vezes, porque as *trustees* se encontravam a cada três meses, eu fui ensaiado no que eu ia dizer para fazer uma apresentação e toda vez a mesma história. Na sexta vez eu entrei na sala com os *trustees*, ensaiado porque a Fundação estava em um momento em que o vice-presidente ou o deputado junto com o vice-presidente ensaiavam as pessoas antes de falar. Era uma coisa terrível. Era muito diferente do tempo do Bundy que você entrava e brigava e discutia. Mas esse era programado muito cuidadosamente. Essa vez eu entrei e tirei da minha bolsa as palavras já ensaiadas e eu pensei: “Não, eu não vou fazer isso mais”. E pensando nos colegas que estavam muito doentes e morrendo, eu falei meio apaixonado sobre assunto e acabei por dizer: “Olha, nós estamos enfrentando uma crise enorme de saúde pública, política pública que é impossível, nesse momento, pensar nas dimensões. Eu quero que vocês pensem daqui a vinte anos quando o público, o Congresso e outros quiserem saber onde estava a Fundação nesse momento. Pensem na resposta que vocês gostariam de dar”. Aí, aprovaram. Eu devia ter feito isso muito antes. [risos] A Fundação tem feito um papel muito importante não somente no tratamento das pessoas que faziam parte, mas induzindo outras fundações a reagir. Aqui no Brasil vocês sabem a história. Nós fizemos um papel muito importante, o *Brasil* tem feito um papel muito importante e de onde veio a liderança disso eu não sei; se é da Fundação ou do Brasil, mas vale a pena procurar saber. Na Tailândia fez uma programação muito bonita. Na África do Sul o governo não agiu como o governo brasileiro, mas ali a Fundação segurou a bola. A grande lástima na questão da AIDS é que realmente ficou uma questão de filantropia e do setor privado durante muitos anos, os governos – agora têm os programas internacionais da ONU¹³ e etc -, mas levou o quê? Levou uns trinta anos até os governos começarem... Mas a Fundação tem tido um papel muito importante nisso e na história que vocês escrevem. Se fosse eu pensar nos momentos importantes da Fundação aqui, antes de 70, como eu disse, eu não conheço bem. Eu acho que provavelmente era muita coisa de agricultura, de administração pública, aqueles

¹³ Organização das Nações Unidas

projetos do modernismo de novo. Eu acho essa história importante do ponto de vista histórica e talvez do ponto de vista de onde o Brasil estava no momento. Mas o papel da Fundação durante a ditadura, no desenvolvimento das Ciências Sociais e Economia na área de pós-graduação e das bolsas, eu acho muito importante. E também na área de apoio das ONGs e apoio menos acadêmico e mais diretos dirigidos às comunidades. Eu acho uma história muito boa e interessante.

H.A. – É, eu acho que essa frase sua resumiu muito os focos da história da Fundação no Brasil, realmente.

S.F. – Bom, mais alguma coisa?

L.O. – Aprendemos muito.

H.A. – Dá muita vontade de saber muito mais, mas aí...

[FINAL DO DEPOIMENTO]